

Lula barra divisionismo após pesquisas

Com mal-estar político, presidente veta ato anti-64, não quer cassação de Moro e critica pauta de costumes do STF

Marcos Augusto Gonçalves

Folha de S. Paulo, 15.mar.2024

• • Nos últimos dias, o presidente [Lula](#) movimentou-se para conter a onda pró-cassação de [Sergio Moro](#) e evitar um ato [planejado pelo ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida](#), para marcar os 60 anos do golpe de 1964. Também criticou a pauta de "costumes" do STF... Por que será?

Uma das evidências das recentes pesquisas do [Quaest](#) e [Ipec](#) é que, com queda de aprovação e alta de reprovação do governo, a divisão política voltou a se aproximar do padrão polarizado do passado recente. O país tem, de fato, assistido a uma elevação geral do tom na cena pública.

Além das apostas na divisão, do próprio Lula, no [caso do Holocausto](#), e da cruzada revanchista contra Moro e a [Lava Jato](#), as novas revelações sobre a [trama golpista de 8/1](#) provocaram certa histeria nas duas pontas do espectro ideológico. Debates sobre aborto e drogas no STF também colaboram para acender a base da direita, com reflexos no Congresso —não fui eu quem o disse.

O certo é que o conjunto da obra dividiu o centro, agitou evangélicos e mobilizou o [bolsonarismo](#), que se reabilitou nas ruas com uma improvável e desnecessária —para o governo— [manifestação de grande porte na avenida Paulista](#).

Lula percebeu que o mal-estar político [não fará bem para a continuação de seu governo](#), que prometeu normalidade democrática, progresso e alguma harmonia depois de um período obscuro com disparada da inflação e confusões diárias. Esse desejo de paz e prosperidade esteve presente na apertada eleição do petista, que negociou um selo de garantia com parte do centro e da direita —e acenou com uma "frente ampla".

Do lado da prosperidade, se não houve um grande salto, os sinais foram positivos: o [PIB](#) ajudou, os programas sociais voltaram, [Haddad](#) acalmou o mercado, o emprego aumentou, a renda subiu e os preços começaram a se comportar.

O alívio causado pela derrota de [Bolsonaro](#) e pelas medidas acertadas deu ao presidente uma explicável e justa vantagem de popularidade no primeiro ano de mandato.

A percepção de melhoria, entretanto, foi se tornando menos marcante no segundo semestre de 2023.

Quanto à pacificação, a barbárie golpista de janeiro não poderia ter sido mais nefasta. Depois de uma demonstração de união entre os Poderes para restabelecer a ordem e a segurança, o inquérito se [aproximou de militares de alta patente](#), autoridades e asseclas de Bolsonaro — além do próprio.

A febre punitivista alastrou-se com a expectativa de se prender generais, enjaular Bolsonaro na Papuda e anular a eleição de Moro. Quem sabe aproveitar o embalo para punir [Israel](#)? Boicotar empresas de judeus ou romper relações?

Vieram então as pesquisas, mostrando piora da avaliação de Lula e uma convergência para o resiliente quadro de polarização —já naturalmente insinuante em ano eleitoral. A [elevação da inflação de alimentos](#) e preços administráveis, em janeiro e fevereiro, provavelmente deu força para o mau humor. Os desentendimentos abertos com o [Congresso](#) nos últimos meses não foram apaziguadores.

Talvez tudo isso seja inevitável, talvez os resultados do Quaest e do Ipec não tenham a ver com essas questões. Uma liderança política com a rodagem de Lula não ficará, de qualquer modo, esperando o circo pegar fogo. A tendência do presidente é jogar água na fervura e atuar para a redução de danos em sua governabilidade. Por isso considera erros políticos, neste momento, a pressão para cassar Moro e a decisão de um ministério de fustigar as [Forças Armadas](#).

O presidente enfrentará, como tem enfrentado, críticas da esquerda e insatisfação de quem acredita que a conciliação precisa ser de uma vez por todas afastada da cultura política brasileira. Esse herói revolucionário da ruptura, porém, não se chama Luiz Inácio.